

HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES AFRICANAS NO ESPAÇO URBANO DO RIO DE JANEIRO: UMA PROPOSTA DE MAPA INTERATIVO PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Roberta Martinelli e Barbosa
Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio,
Professora do Colégio Pedro II/Rio de Janeiro
robertamb2006@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta algumas reflexões e resultados do projeto de pesquisa interdisciplinar desenvolvido por professores do Colégio Pedro II das áreas de História, Geografia e Informática Educativa em parceria com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Maria Fernanda Baptista Bicalho do Departamento de História da UFF. A proposta do projeto é construir um mapa interativo da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1808 e 1850, a partir da base de dados cartográfica produzida pelo grupo de pesquisa da UFF, para ser utilizado como material didático-pedagógico nas aulas da Educação Básica. Dentro deste recorte espaço-temporal buscamos por em evidência histórias de vida dos diversos sujeitos que moravam e circulavam pela cidade, sobretudo, dos africanos (as) e afrodescendentes.

Palavras-chave: cidade do Rio de Janeiro; escravidão; material didático.

Bem me queria a mim parecer que a história não é a vida real,
literatura sim, e nada mais, Mas a história foi vida real
no tempo em que ainda não poderia chamar-se-lhe história.
(SARAMAGO, 1989, p. 16)

I – Apresentação

O objetivo principal deste texto é o de compartilhar algumas reflexões e resultados do projeto interdisciplinar de pesquisa intitulado **Espaço Geográfico e Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, corte e capital do Império Português e do Brasil (1808-1850)**. Este projeto é fruto de uma parceria institucional entre o Colégio Pedro II e a Universidade Federal Fluminense, envolvendo as professoras Roberta Martinelli (Departamento de História), Carolina Vilela (Departamento de Geografia) e o professor Siddharta Fernandes (Departamento de Informática Educativa) do Colégio Pedro II, em conjunto com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Maria Fernanda Baptista Bicalho (Departamento de História da UFF). No Colégio Pedro II o

projeto está vinculado ao NUPPEG (Núcleo de Pesquisa em Práticas de Ensino de Geografia)¹ e ao NUMPEH (Núcleo de Material Pedagógico e Ensino de História)².

A pesquisa tem como proposta produzir e divulgar novos instrumentos de pesquisa e reflexão sobre a história e o espaço geográfico do Rio de Janeiro investigando o processo de mudança vivenciado por esta cidade entre os anos de 1808 e 1850, período em que se tornou sede da Corte e Capital do Império Português e do Brasil. A proposta é produzir um **mapa interativo** a partir das informações processadas e representadas em base cartográfica pelo grupo de pesquisa da UFF no projeto **Sociabilidade, Urbanismo e Patrimônio: a Cidade do Rio de Janeiro, Corte e capital do Império Português e do Brasil (1808-1843)**, financiado com Bolsa Cientista da FAPERJ. A base cartográfica é o resultado de um profundo e amplo trabalho de levantamento de fontes documentais – textuais, iconográficas e cartográficas –, com o objetivo de identificar e analisar as transformações urbanas do Rio de Janeiro em termos de novas edificações, concentração de atividades econômicas, administrativas e festivas, bem como dos novos espaços de sociabilidade. A partir do estudo das fontes foi possível descobrir e demarcar as inovações arquitetônicas e os locais de moradia dos cortesãos, tanto os antigos moradores da cidade, quanto aqueles que chegaram com a instalação da família real. Utilizando como base a planta cadastral da cidade do ano de 1812, o grupo de pesquisa construiu graficamente um mapa que incorporou as informações e descobertas da pesquisa documental realizada³.

¹ Núcleo que atua na elaboração de jogos didáticos como método para abordar diferentes temáticas ligadas ao conteúdo de Geografia na Educação Básica.

² Núcleo cujo foco de atuação é a produção de material didático pedagógico construído a partir das experiências dos alunos de iniciação científica do Colégio Pedro II, que possam ser utilizados nas aulas de história na Educação Básica. Para além do projeto do mapa interativo o NUMPEH também desenvolve o projeto **O Ofício do Historiador em diálogos com outras áreas: memória, ensino e pesquisa**, em parceria com a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) no qual alunos/bolsistas do CPII possuem a oportunidade de conhecer de perto o museu e os diversos setores de pesquisa da instituição.

³ A pesquisa documental foi realizada nas seguintes instituições: Arquivo Histórico do Exército (AHE); Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ); Arquivo e Mapoteca do Itamarati (AMI); Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (ANRJ); Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ); Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).



Mapa de Sociabilidades da cidade do Rio de Janeiro (1808-1850), elaborado no projeto de pesquisa **Sociabilidades, Urbanismo e Patrimônio** coordenado pela professora Maria Fernanda Baptista Bicalho (Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História da UFF).

O desafio do presente projeto – envolvendo a parceria de professores e alunos da iniciação científica do Colégio Pedro II⁴ com o referido grupo de pesquisa da UFF – é o de animar este mapa, transformando esta base de dados em um material didático digital interativo sobre a cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. O objetivo é o de construir um mapa, com uma linguagem dinâmica próxima dos jovens, que possa ser utilizado nas aulas do ensino fundamental e médio da Educação Básica, contribuindo, deste modo, no processo ensino-aprendizagem sobre o tema. A ideia é disponibilizar esse material para pesquisadores, professores e alunos das redes pública e privada de ensino, reforçando o elo entre estudos acadêmicos e a sociedade. O **mapa interativo** trará informações relacionadas aos bens arquitetônicos, culturais e históricos

⁴ A partir do ano de 2015 teve início no Colégio Pedro II o **Programa de Iniciação Científica Jr.** promovido pela **PROPGEPEC** (Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura). Este programa tem um relevante aspecto institucional e pedagógico, na medida em que estimula o desenvolvimento de projetos de pesquisa científica entre os estudantes da Educação Básica. Os professores do Colégio Pedro II possuem a possibilidade de propor projetos de pesquisa, nas diversas áreas de conhecimento, e pleitear bolsas, por meio de um edital interno, para os alunos envolvidos nas pesquisas de iniciação científica.

da cidade do Rio de Janeiro, permitindo amplo acesso e a multiplicação de conhecimento sobre os mesmos.

O projeto visa contribuir também para a formação e integração de pesquisadores, professores, alunos universitários e do ensino fundamental e médio. Ao longo do ano de 2018 trabalharam nesta pesquisa três alunos do campus Humaitá II do Colégio Pedro II – Francisco Silveira Azar, Joseph João Michel Silva Guillemete e Maria Eduarda Moreira dos Santos Oliveira –, além de dois alunos de graduação de História da UFF – Renan Carvalho Wederosch e Felipe Camargo de Assis. Neste ano de 2019 a pesquisa segue em andamento contando com a nova integrante Beatrice Vecchio Teixeira, também aluna do campus Humaitá II do Colégio Pedro II.



Integrantes do projeto em reuniões de trabalho no Laboratório de Informática do Colégio Pedro II no Campus Humaitá II.

II – A Pesquisa na Educação Básica

Este projeto é um exemplo de que o ensino e a pesquisa podem e devem estar integrados no âmbito da Educação Básica, ampliando as oportunidades de aprendizagem e o leque de interesses dos alunos. O espaço da escola apresenta-se como um lugar que valoriza e incentiva o fazer intelectual: a leitura, a análise e a reflexão crítica. (FRONZA; RIBEIRO, 2014, p. 305). Neste sentido, a tarefa desenvolvida com os alunos da iniciação científica do CPII, sob a orientação dos professores desta instituição, de análise da base cartográfica de dados produzida pelo grupo de pesquisa da UFF, constitui-se em uma rica oportunidade de um primeiro contato destes jovens na

área da pesquisa histórica e geográfica. No decorrer da primeira etapa do projeto, os alunos vivenciaram o trabalho de pesquisa documental e bibliográfica, realizando leituras e interpretações de fontes e dados, fichamentos e discussões de textos relacionados ao tema da pesquisa.

Adotando como perspectiva teórica a proposição do historiador e educador Ilmar Rohloff de Mattos da “aula como texto”, atuamos no sentido de que a iniciação científica possibilite aos estudantes o aprimoramento e aprofundamento da sua prática de leitura e contribuam – a partir de suas apropriações da experiência de pesquisa – na autoria de textos e materiais voltados para as aulas de história e geografia na Educação Básica. (MATTOS, 2006)

A segunda etapa do projeto é o momento no qual alunos e professores atuam propriamente como autores, trabalhando juntos na concepção do **mapa interativo** a partir das fontes documentais, iconográficas e bibliográficas levantadas. O desafio desta etapa é transformar as informações processadas na base de dados pelo grupo de pesquisa da UFF e o conhecimento acadêmico sobre o tema da cidade do Rio de Janeiro, em um conteúdo passível de ser apreendido por crianças e jovens da Educação Básica, capaz de lhes suscitar indagações, curiosidade e uma reflexão histórica. Para tanto é necessário fazer escolhas e realizar uma “tradução” deste conhecimento acadêmico e erudito. De acordo com Ilmar Mattos neste processo de tradução “aquele que traduz (/lê) mais do que nunca se apresenta como um traidor”, uma vez que não repete meramente as informações acadêmicas e sim porque tempera⁵, ao seu jeito, a explicação erudita com elementos próprios advindos de uma prática da sala de aula. (MATTOS, 2006, p. 13) Neste processo a diferença entre o texto original (explicação erudita) e o texto de uma aula não reside apenas na traição,

(...) uma vez que o texto original já não se distingue por sua intenção original, e sim pela intenção de quem o traduziu, mas sobretudo, assinalando a diferença entre as duas práticas, assim como as razões por que aquele movimento [de tradução], do qual resulta um produto novo, não mais deverá cessar. (ibidem, p. 13)

⁵ Em seu argumento Ilmar Mattos faz referência a seguinte passagem do romance de Machado de Assis – “Pode ir buscar a especiaria alheia, mas há de ser para temperá-la com o molho de sua fábrica”. Utiliza-se desta imagem para propor a identificação da “especiaria alheia” com a produção historiográfica, e o ato de temperar “com o molho de sua fábrica” ao processo de tradução que se desdobra no texto de uma aula.

Seguindo esta perspectiva, entendemos que o conhecimento escolar é configurado por uma lógica própria marcada pela utilização de estratégias didáticas que atuam na sua construção. O professor que produz uma “aula como texto” é antes de tudo um leitor, e o texto de sua aula não será uma mera repetição ou transcrição dos textos historiográficos, distinguindo-se pela intenção dada ao aluno como foco da sua atenção. Ao fazermos uso de estratégias didáticas para produzir uma “aula como texto”, estamos produzindo conhecimento e não simplesmente criando estratégias para transmitir algo concebido pelo conhecimento acadêmico.

No âmbito do presente projeto alunos e professores, enquanto leitores, atuam como sujeitos produtores de conhecimento, sendo o **mapa interativo** o resultado do processo de tradução de um determinado conhecimento acadêmico – a base dados cartográfica – para um conhecimento escolar. Não podemos deixar de considerar, conforme observou Roger Chartier, o impacto da cultura digital sobre a tradição escrita e as mudanças dela decorrentes sobre as práticas de leituras consideradas tradicionais (CHARTIER, 2010). O mundo digital e a textualidade eletrônica transformaram a relação entre o leitor e o texto, trazendo uma nova materialidade a este último, e alterando o seu modo de circulação e recepção. Em seu ensaio Chartier reflete sobre os desdobramentos da textualidade eletrônica no âmbito da produção do conhecimento histórico e considera que a internet possibilitou “uma nova organização dos discursos históricos, baseada na multiplicação de relações hipertextuais e na distinção entre diferentes níveis de texto (do resumo das conclusões `a publicação de documentos)”. (ibidem, p. 61-62)

A Revolução da Microeletrônica – na passagem do século XX para o XXI – inaugurou um mundo marcado por uma aceleração extrema, onde as inovações tecnológicas acontecem numa escala multiplicativa,

(...) de modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfiguram completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível. (SEVCENKO, 2001, p. 16-17)

O ritmo vertiginoso no qual as mudanças se processam não possibilita as pessoas pararem para refletir sobre tais transformações, sendo as experiências vivenciadas de forma muito rápida. A tirania da velocidade acabou, por um lado, embaralhando a percepção do tempo – ao fragilizar os conceitos de passado, presente e futuro – e, por outro, obscureceu as referências espaciais – ao construir a imagem de que as diferentes regiões do planeta seria uma coisa só ao estarem conectadas por uma rede de comunicação e informação. (ibidem, p. 20-21). Se a era digital, do mundo globalizado e do tempo único, trouxe repercussões no campo do conhecimento histórico – como Chartier está interessado em discutir – cabe perguntarmos também sobre os seus desdobramentos no âmbito do ensino de história na educação básica.

O dinamismo da velocidade de informações e da comunicação por meio das imagens, característico do mundo contemporâneo, é uma realidade que trás desafios para o cotidiano da sala de aula. Ao crescerem e se constituírem fazendo uso da cultura digital os jovens trazem novas demandas para o espaço escolar, sendo as práticas pedagógicas tradicionais, muitas vezes, incapazes de lhes suscitar curiosidade e interesse pelo conhecimento. A leitura acelerada em busca sobretudo de informações, desafia as operações mais lentas necessárias para a compreensão de um determinado assunto de forma crítica. Acreditamos que o caminho não seja o esvaziamento ou simplificação dos conteúdos curriculares, mas sim o desenvolvimento de novas práticas escolares que tornem mais complexas e interessantes a relação dos alunos com o conhecimento. (VILELA; FERREIRA, 2017)

O uso da internet, e de ferramentas como o Google, intensificam a quantidade de informações disponíveis sobre um determinado tema. Não devemos, portanto, desconsiderar os conteúdos históricos disponíveis na internet (textos, imagens, documentários etc.) como um tipo de saber que está circulando, cabendo-nos refletir sobre como integram o rol de saberes dos estudantes (OLIVEIRA, 2014). Nucia Oliveira, em artigo sobre os impactos da internet no trabalho historiográfico e no ensino de História, analisa os sites de pesquisa escolar sobre a história do Brasil e observa que nestes, de forma geral,

(...) o conhecimento histórico é apresentado através de narrativas sintetizadas; as narrativas apresentadas não apresentam problematização;

pelo contrário, são enunciadas como verdades; são feitas personificações para apresentar os feitos dos grandes personagens e estes são mostrados como responsáveis pelos fatos históricos. Diante do exposto, cabe a reflexão sobre qual a perspectiva de história e de ensino de história presentes nesses sites. (ibidem, p. 45)

De acordo com a autora ainda que os sites de pesquisa escolar tenham a proposta de tornar acessível um conteúdo que ajude o aprendizado histórico do estudante, estes pouco dialogam com as atuais discussões acerca do ensino de história. Os textos destes sites, apesar do suporte digital, apresentam uma forma narrativa tradicional, muito semelhante ao que encontramos nos manuais didáticos impressos, não explorando a possibilidade de interação do internauta com o conteúdo apresentado. (ibidem, p. 46)

No âmbito do presente projeto de pesquisa a concepção do **mapa interativo**, como estratégia para o ensino, pretende fazer uso do meio digital para construir uma narrativa – ou, melhor dizendo, várias narrativas – capazes de apresentar ao estudante a complexidade das relações sociais, políticas, econômicas e culturais de diversos sujeitos históricos em um determinado contexto e espaço: a cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Narrativas que apresentem situações-problemas, que suscitem indagações e que de forma interativa possibilite ao estudante fazer escolhas e navegar no mapa como assim o desejar.

III – A cidade do Rio de Janeiro e seus sujeitos na primeira metade do século XIX: construindo narrativas

Como bem sublinhou José Saramago, na epígrafe que abre este artigo, a história distingue-se da experiência vivida no tempo, sendo o ato de narrar o elemento fundador de sua singularidade. Como desdobramento o escritor sugere que a história lhe parece com a literatura. Se por um lado a história, em uma certa medida, aproxima-se da literatura, por outro a sua forma narrativa pautada nos vestígios do passado lhe confere uma especificidade que a distancia das construções ficcionais.

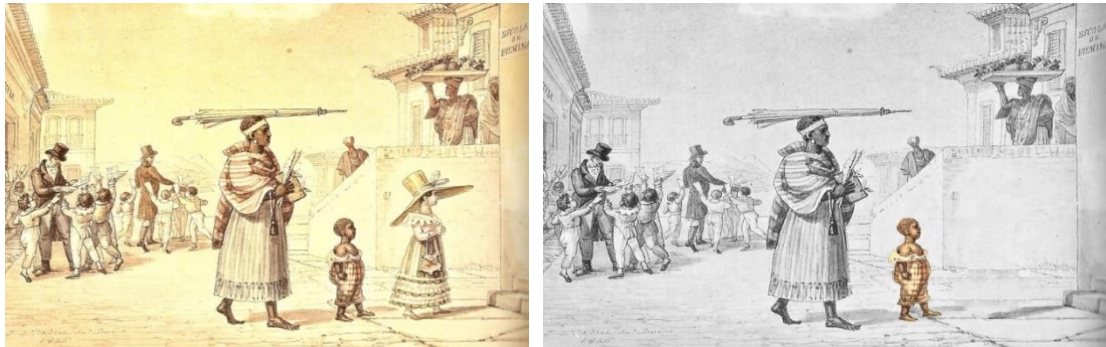
No caso do presente projeto a elaboração de narrativas, baseadas em fontes documentais e na produção historiográfica, constitui o ponto de partida por meio do qual iremos animar o mapa, tornando-o interativo. Criaremos histórias variadas que serão contadas a partir do ponto de vista de personagens diversos, que serão

encontrados em locais determinados da planta da cidade do Rio de Janeiro envolvidos em situações circunscritas. Partindo da consideração de que a experiência da vida real no tempo torna-se história por meio do ato de narrar, podemos acrescentar, seguindo a formulação de Marc Bloch (2001), que essa narrativa se torna mais interessante se apresentar uma indagação, um problema. Se narrar é escolher, optamos pelo distanciamento de uma escrita tradicional – centrada na trajetória das grandes personalidades e acontecimentos exemplares – para por em evidência as histórias dos sujeitos comuns que viviam na cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Os enredos das narrativas que constituirão o **mapa interativo** serão concebidos com o propósito de suscitar algum tipo de reflexão histórica.

Ao longo da primeira etapa de trabalho deste projeto – caracterizada pela análise das fontes documentais e da base de dados cartográfica – partimos das impressões e saberes dos alunos para com eles construirmos juntos a concepção do **mapa interativo**. O grupo realizou as seguintes observações:

- a ausência no mapa das sociabilidades (base de dados cartográfica) dos sujeitos que viviam e circulavam no espaço urbano do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX;
- a necessidade de por em evidência a correspondência dos espaços da cidade do Rio de Janeiro do século XIX aos espaços da cidade na atualidade;
- priorizar uma linguagem que comunique o conteúdo de uma forma dinâmica, interativa, que apresente desafios, indagações e até mesmo suspense e mistério.

Após muitas discussões definimos que o **mapa interativo**, disponibilizado em forma de aplicativo, cruzará, por meio de uma sobreposição, o mapa atual da cidade do Rio de Janeiro com o mapa do século XIX. Quem acessá-lo conseguirá visualizar os locais da cidade na atualidade correspondentes aos do século XIX. A “entrada” no aplicativo será realizada em um mapa atual do Rio de Janeiro, e ao escolhermos uma determinada localidade, por exemplo a praça XV, seremos transportados, numa espécie de “viagem no tempo”, ao Largo do Paço no mapa da cidade no século XIX. Partiremos de imagens dos pintores Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, destacando personagens que serão animados e contarão uma história verossímil no contexto da sociedade carioca do século XIX.



Fonte: BANDEIRA, Julio e LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil: obra completa.** Rio de Janeiro: Capivara, 2017.

O **mapa interativo** será o ponto de partida para se ter acesso a imagens como esta acima, que retrata uma cena registrada em algum local da cidade. O exemplo mostra uma imagem a partir da qual os personagens serão destacados. Para cada personagem será construído um enredo verossímil sobre a sua história de vida, que será narrado por meio da técnica de animação. Em cada imagem aquele que estiver navegando terá a possibilidade de escolher mais de um personagem, e deste modo ter acesso aos diferentes pontos de vista dos personagens envolvidos na cena em questão.

O conteúdo dos enredos serão elaborados afinados às recentes pesquisas no campo da história da África e da diáspora africana, a partir do enfoque analítico das “histórias conectadas” e da “história atlântica”. Tomamos aqui como referência os trabalhos de Sanjay Subrahmanyam (1997), John Russell-Wood (2014) e Serge Gruzinski (2003). A perspectiva analítica que enfatiza a ideia da conexão nos permite por em evidência os movimentos forçados e espontâneos de homens e mulheres entre a África, Brasil e Portugal. Não apenas a circulação de indivíduos, mas também de saberes, mercadorias, práticas culturais, textos, símbolos, línguas, dentre outros.

O mapa apresentará a configuração urbana e social do Rio de Janeiro do século XIX em sua dinamicidade, singularidade e relações com o espaço atlântico. As narrativas contarão a experiência complexa e multifacetada de agentes do governo, senhores de terras, senhoras, comerciantes, artesãos, libertos (as) e escravos (as), suas relações de poder e domínio, práticas culturais e costumes. O reconhecimento de experiências de

vida diversas em um determinado contexto histórico, possibilitará aos estudantes compreenderem as múltiplas perspectivas em jogo.

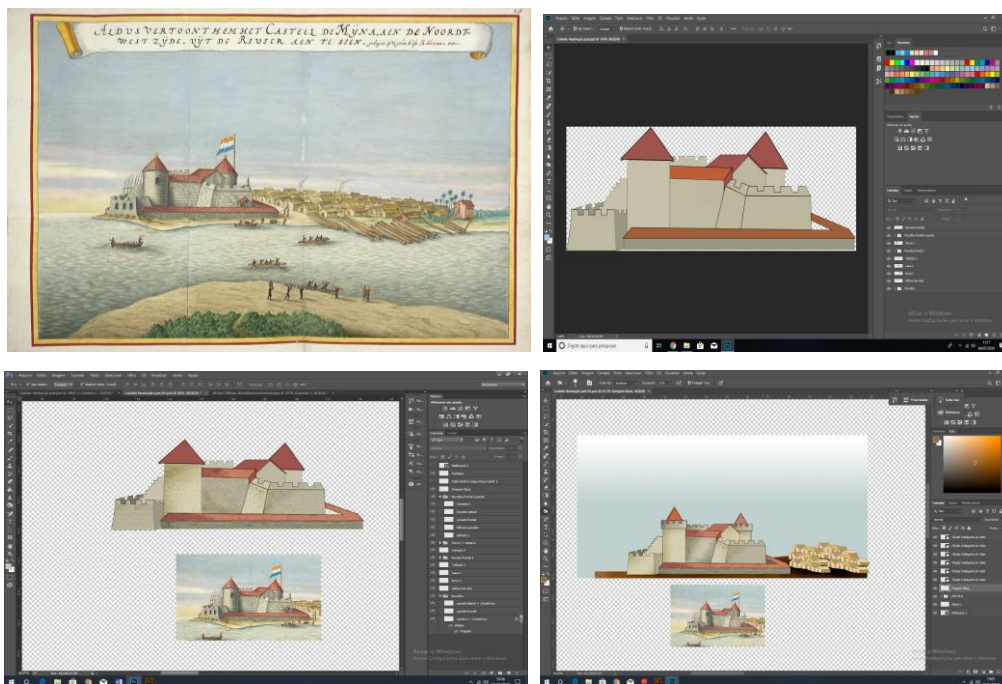
IV – Considerações Finais

No momento estamos na fase de elaboração do mapa piloto e na construção da animação do primeiro enredo, cujo personagem – um menino africano sendo vendido como escravo – será destacado da imagem **Desembarque** de escravos no Cais do Valongo de autoria de Johann Moritz Rugendas. A narrativa foi construída em primeira pessoa e nela o personagem conta sobre: o seu local de origem no continente africano; de como foi capturado e vendido pelas elites africanas locais `a mercadores portugueses; de como esperou em barracões até que embarcasse na dura travessia do atlântico; de suas sensações e sentimentos ao chegar em um lugar desconhecido, a cidade do Rio de Janeiro, sem saber o que lhe aconteceria dali em diante.



Fonte: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**, São Paulo, Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61532/desembarque>. Acesso em: 30 de Jul. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Os alunos estão trabalhando no processo de animação construindo os cenários nos quais a narrativa irá acontecer. Os cenários são criados tendo como base as fontes iconográficas levantadas na pesquisa. Os desenhos são feitos por cima dessas imagens como no exemplo a seguir:



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ElMina_AtlasBlaeuanderHem.jpg

Ao longo do século XVIII a cidade do Rio de Janeiro firmou-se enquanto principal porto português na América e destacou-se também pelas suas funções político-administrativas. No século XIX a transformação da cidade em capital do Império Português e, depois, do Império do Brasil foi acompanhada por um aumento demográfico, decorrente, em larga medida, da vinda de cortesãos portugueses, mas também pelo incremento do tráfico negreiro com diferentes regiões africanas. De acordo com Manolo Florentino (1997) o número de entrada de africanos no porto do Rio de Janeiro duplicou entre os anos de 1808 e 1810, aumentando, deste modo, a quantidade de escravos no conjunto da população da cidade. Diante da significativa presença de africanos e afrodescendentes no espaço urbano do Rio de Janeiro do século XIX, pretendemos por meio das narrativas contar de forma contextualizada as possíveis trajetórias de vida destes sujeitos.

O presente projeto constitui-se numa iniciativa que aposta no desenvolvimento da pesquisa no âmbito da Educação Básica, envolvendo a investigação e a criação, como um caminho instigante para que alunos e professores atuem juntos como produtores de conhecimento.

Bibliografia:

BARRA, Sérgio. **Entre a corte e a cidade**. O Rio de Janeiro no tempo do rei (1808-1821). Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **A cidade e o império**: Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FLORENTINO, Manolo. **Em Costas Negras**. Uma história do tráfico escravo entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FRONZA, Marcelo; RIBEIRO, Renilson Rosa. Aulas de História: a formação de alunos-leitores de mundo na contemporaneidade. *In: Espaço Pedagógico*, v.21, n. 2, p.304-317, jul./dez. 2014, p. 304-317.

GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a ‘história cultural’ no novo milênio. *In: Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 321-342, set./dez. 2003.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna & MORAES, Renata. Personagens negros e livros Didáticos: reflexões sobre a ação política de afrodescendentes e as representações da cultura brasileira. *In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHAES, Marcelo de Souza. (Orgs.) A História na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. ‘Mas não somente assim!’ Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *In: Revista Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 5-16, junho 2006.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. *In: Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 23-53, mai./ago. 2014.

RUSSELL-WOOD, John. **Histórias do Atlântico português**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

SARAMAGO, José. **História do Cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Coleção Virando Séculos.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: notes towards a reconfiguration of early modern Euroasia. *In*: LIEBERMAN, Victor (Ed.). **Beyond Binary Histories**. Re-imagining Eurásia to c. 1830. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

VILELA, Carolina Lima & FERREIRA, Stella Mendes. Construção do conhecimento e jogos Didáticos: uma experiência com o sétimo ano do ensino fundamental. *In*: **Anais do XIII ENPEG**. Belo Horizonte, 2017.